

A VARIAÇÃO DO SUJEITO *NÓS* E A *GENTE* NO PORTUGUÊS FALADO EM ALAGOINHAS, BAHIA

Fernanda Figueira Fonseca (UNEB)

fffmanda1@hotmail.com

Norma da Silva Lopes (UNEB)

nlopes58@gmail.com

RESUMO

A variação nas formas de expressão da 1ª pessoa do plural tem sido apresentada em diversos estudos, mas a proposta da dissertação de mestrado em andamento à qual esse artigo se filia é apresentar um estudo sociolinguístico do uso de *nós* e *a gente* como preenchimento do sujeito e como indicador de posse em sete mesorregiões da Bahia. Para isso, são utilizados pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista laboviana e da Dialetoлогия (CARDOSO *ET AL.*, 2014). Ademais, pretende-se realizar uma análise do fenômeno em questão, considerando-se aspectos linguísticos, regionais, históricos e socioculturais da realidade baiana. Toma-se como objetivo identificar os grupos de fatores condicionantes para a escolha das variantes do fenômeno, buscando elaborar um mapa geossociolinguístico dessa variação na Bahia. Este artigo, entretanto, utiliza como *corpus* alvo de observação as entrevistas realizadas com quatro falantes de Alagoinhas, que fica situada na mesorregião Nordeste Baiano, registradas pelo acervo do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo ora realizado parte do estudo pioneiro de Omena (1996a; 1996b), que demonstra que os fatores linguísticos e sociais favorecem o uso de *a gente* em vez de *nós*, corroborado pelas análises de Lopes (2003) que mostra uma inter-relação desses fatores para o favorecimento do uso de *a gente*, afirmando que essa forma já é implementada no Português Brasileiro. Ambos os estudos demonstraram que, na variedade do português brasileiro, a ocorrência da forma *a gente* é bastante expressiva no lugar de *nós*. Este trabalho, uma vez concluído, utilizando-se dos fundamentos da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional, poderá fornecer uma base empírica para a elaboração de um panorama geossociolinguístico do fenômeno em foco na fala das localidades nas mesorregiões em estudo.

Palavras-chave:

Alagoinhas. Dialetoлогия. Sociolinguística. *Nós* e *a gente*.

ABSTRACT

The variation in the forms of expression of the 1st person in the plural has been presented in several studies, but the proposal of the ongoing master's thesis to which this article is affiliated is to present a sociolinguistic study of the use of *nós* and *a gente* as the subject's filling and as a tenure indicator in seven mesoregions of Bahia. For this, theoretical-methodological assumptions of Labovian Variationist Sociolinguistics and Dialectology are used (CARDOSO *ET AL.*, 2014). Furthermore, it is intended to carry out an analysis of the phenomenon in question, considering linguistic, regional,

historical and socio-cultural aspects of the Bahian reality. The objective is to identify the groups of conditioning factors for the choice of variants of the phenomenon, seeking to develop a geosociolinguistic map of this variation in Bahia. This article, however, uses interviews with four speakers from Alagoinhas, which is located in the northeast region of Bahia, as recorded in the database of the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB) as the target corpus of observation. The study now carried out part of the pioneering study by Omena (1996a; 1996b), which demonstrates that linguistic and social factors favor the use *a gente* instead of *nós*, corroborated by Lopes (2003) analyzes that show the interrelation of these factors to favor the use *a gente*, stating that this form is already implemented in Brazilian Portuguese. Both studies showed that, in the Brazilian Portuguese variety, the occurrence of the form we are quite expressive in place of *nós*. This work, once completed, using the foundations of Sociolinguistics and Pluridimensional Dialectology, can provide an empirical basis for the elaboration of a geosociolinguistic panorama of the phenomenon in focus in the speech of the localities in the mesoregions under study.

KEYWORDS:

Alagoinhas. Dialectology. Sociolinguistics. *Nós* and *a gente*.

1. Introdução

No português, como em todas as línguas, o falante possui diversas formas de dizer a mesma coisa e, por esse motivo, de maneira geral, podem ser realizadas construções que seguem os padrões estabelecidos pela norma padrão idealizada, ou que se distanciam das normas determinadas pela tradição.

Alterações na representação do sujeito pronominal, preenchimento do sujeito, indeterminação do sujeito, diversos são os estudos acerca das diferentes mudanças por que passa o português brasileiro. A alternância de *nós* e *a gente* tem sido apresentada em diversos estudos, os quais têm o intuito de avaliar a indicação ou não de uma mudança linguística a partir da variação que se apresenta na oralidade.

Pode-se observar, nas sentenças produzidas por falantes do português brasileiro, a ocorrência de estruturas como:

01. *Nós* vamos ao parque

02. *A gente* vai ao parque

Nas sentenças 1 e 2, observa-se um sintagma nominal à esquerda da oração na posição de sujeito que pode ser preenchido de formas distintas. Os exemplos (1) e (2) nos chamam a atenção por apresentarem o mesmo significado, pois *onós* e *a gente* são alternativas diferentes de dizer a mesma coisa. Este artigo tem como enfoque esse fenômeno, a

variação *nós* e *a gente* como preenchimento do sujeito em um município situado no Nordeste Baiano.

O estudo aqui apresentado é parte de uma dissertação de mestrado em andamento, uma pesquisa bem mais ampla com todo o acervo do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na Bahia, envolvendo as sete mesorregiões baianas: Nordeste Baiano; Vale São-Franciscano da Bahia; Extremo Oeste Baiano; Sul Baiano; Centro-Norte Baiano; Região Metropolitana; Centro-Sul Baiano.

O Projeto ALiB tem um acervo de pesquisa bastante amplo, que constitui uma rede de 250 pontos, alcançando cidades de todos os estados brasileiros, incluindo suas respectivas capitais (excetuando Brasília e Palmas, por terem sido fundadas há menos de 100 anos). É um projeto de relevância nacional que serve como material de pesquisa para diversos estudos acadêmicos.

A proposta deste texto é investigar como se realiza o preenchimento do sujeito de primeira pessoa do plural com o emprego de *nós* ou *a gente* em Alagoinhas, Bahia, estabelecendo os grupos de fatores condicionantes para a escolha das variantes do fenômeno, na tentativa de contribuir para elaborar um mapa dessa variação na Bahia. Mais especificamente, pretende-se identificar e examinar as ocorrências com o preenchimento das duas formas; em seguida, identificar as escolhas da variante do fenômeno em questão pelos informantes nas diferentes faixas etárias, e sexos. E, por último, refletir sobre a contribuição dos achados para o entendimento da especificidade do português brasileiro.

Não são raras as pesquisas sobre a língua que procuram estudar a variação no preenchimento do sujeito de primeira pessoa do plural. Estudos diacrônicos, como o de Omena (1996a; 1996b) e Lopes (1993, 2003), mostram que o uso de *a gente* como preenchimento de sujeito vem crescendo ao longo dos anos.

Neste texto, testa-se a hipótese de que, nas estruturas com preenchimento do sujeito de primeira pessoa do plural, o falante tende a utilizar a forma *a gente* em detrimento de *nós* no português popular falado em Alagoinhas, avaliando a indicação de um processo de mudança linguística.

A investigação realizada por Omena (1996a, 1996b), sobre fala popular de informantes do Rio de Janeiro, mostrou que *a gente* ocorre com maior frequência que *nós* como sujeito.

Lopes (1993), por sua vez, observa a alternância pronominal do uso de *nós* e *a gente* na norma culta falada e investiga, além dos aspectos sociais, os contextos linguísticos que favorecem o uso dessas formas na função de sujeito, realizando, assim, uma análise minuciosa a partir do *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

A pesquisa desenvolvida por Lopes (2003), examinou a inclusão de *a gente* no sistema pronominal do português, a partir de *corpora* de escrita (séculos XIII ao XX) e de fala (século XX). Nessa análise, do processo de mudança em tempo real por um longo período, confirmou que a forma *a gente* passou por um processo de gramaticalização, a partir do século XX, apresentando mesmo comportamento dos outros pronomes pessoais.

É necessário considerar também a possibilidade de que tenha ocorrido uma interferência do contato entre línguas no português brasileiro, afetando a língua falada em algumas comunidades, conforme explica Lucchesi (2009):

[...] o contato entre línguas afetou diretamente a formação dos padrões coletivos de fala da maioria da população do país (o que se denomina aqui **norma popular**) e só indiretamente a fala das classes economicamente privilegiadas tradicionalmente chamada de **norma culta** (LUCCHESI, 2009, p. 32)

Tomando como parâmetro a teoria da Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana, almeja-se apresentar resultados de uma análise preliminar do fenômeno, considerando-se os aspectos sociais dentro da realidade do português brasileiro falado na Bahia, em particular no município de Alagoinhas.

2. *Pressupostos teóricos*

A Sociolinguística corresponde a um modelo teórico-metodológico também conhecido como “teoria da variação e mudança linguística” ou teoria variacionista, iniciado pelo americano Willian Labov. Compreendendo a língua como sistema heterogêneo, a Teoria Variacionista analisa a língua em comunidades de fala, observando como os usos linguísticos de uma comunidade podem estar relacionados a perfis sociais dos falantes, como o sexo, faixa etária, escolaridade, grupo socioeconômico dentre outros. Para Labov (2008 [1972])

[...] estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 2008 [1972], p. 140)

Seja qual for a comunidade de fala, é evidente que há diversas formas de se dizer a mesma coisa, ou seja, as formas linguísticas sofrem variações. E essas múltiplas formas de falar no mesmo contexto e com o mesmo sentido são denominadas “variantes linguísticas” e o conjunto de variantes é chamado de variável. As variantes de uma comunidade de fala podem ser consideradas padrão, de prestígio sociolinguístico na comunidade, quase sempre conservadora; ou não padrão, muitas vezes desprestigiadas socialmente. Por outro lado, as variantes classificadas como não padrão são quase sempre inovadoras e por vezes estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Segundo Tarallo (1986), os sociolinguistas compreendem a língua como veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. E seu papel constitui-se na observação do vernáculo, ou seja, da língua falada em situações naturais, na enunciação e expressão de fatos, ideias, sem preocupações de como enunciá-los. Dessa forma, o objeto de estudo da Sociolinguística é o aparente “caos” linguístico.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o aspecto da heterogeneidade não é bem visto pela abordagem estrutural da língua, ou seja, a concepção estruturalista desconsidera a influência da realidade social em que o falante está inserido. Dessa forma, conceber a língua como um sistema homogêneo tem tornado cada vez mais difícil compreender os processos de mudança da língua, isto é, “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto sua estrutura muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35).

Essa contradição tem sido o foco para o desenvolvimento de uma teoria da mudança linguística. Para WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006 [1968]), resolver essa questão está relacionada à ruptura da estruturalidade com a homogeneidade (p. 36). Ou seja, o esclarecimento racional da mudança estará subordinado a condição de explicar a heterogeneidade ordenada no interior da língua. Dessa forma, a diversidade existente na língua é inerente à competência linguística do falante nativo. Desprezar a possibilidade de variação de uma língua, isto é, a sua heterogeneidade, demonstra incoerência, uma vez que “(...)

numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem que uma teoria da mudança deve fornecer respostas em relação aos seguintes aspectos: aos fatores condicionantes (é preciso estabelecer o conjunto de mudanças e condições possíveis para a mudança); à transição (que se refere a estágios de uma mudança em progresso, observando como línguas em contato interferem na transferência de traços de um falante para outro); ao encaixamento na estrutura linguística e na estrutura social (a correlação de mudanças aos aspectos estruturais e aos fatores sociais); à avaliação (as variantes avaliadas positivamente seguem percurso diferente no processo de mudança em relação às que sofrem estigma) e à implementação (como a mudança é implementada).

Labov (2008 [1972]) persiste na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. A sua proposta teórico-metodológica defende que a variação é sistemática, isto é, heterogeneamente ordenada. Partindo desse pressuposto, seus estudos têm como objetivos primordiais analisar e sistematizar as variantes linguísticas empregadas pelos falantes de uma dada comunidade.

A Sociolinguística Variacionista é a área da Linguística que concentra sua investigação nos estudos da língua e sua relação com os aspectos sociais nos quais os falantes estão inseridos. Dessa forma, é do interesse dos sociolinguistas as ocorrências de fala que se manifestam nas diversas variedades de uma língua. Esses pesquisadores têm como objetivo compreender quais fatores influenciam na variação linguística bem como a importância desses condicionadores no que se refere à variável em estudo, uma vez que a Sociolinguística tem como premissa que as variações não ocorrem por acaso e toma como pressuposto que a variação é motivada por aspectos internos e externos à língua.

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 16), “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com um mesmo significado”. Observa-se que a variação é um processo comum a todas as línguas que não interfere no funcionamento do sistema linguístico.

Diferentemente de um acidente linguístico, a variação pode ser investigada com rigor e desprovida de preconceito, pois o falante que

utiliza uma forma tida como desprestigiada não pode ser considerado como um ser que possua capacidade inferior àquele que utiliza a norma padrão culta da língua. Nesse sentido, o sociolinguista pretende descobrir os condicionamentos que regulamentam a variação e como estes mecanismos exercem essa influência. Através de um procedimento metodológico detalhado, a pesquisa é constituída de diversas etapas específicas, que parte da coleta de dados adequada até a apresentação de resultados seguros.

3. O fenômeno “*nós e a gente*”

Nesta seção, serão apresentadas as visões de três gramáticas tradicionais acerca das formas pronominais *nós* e *a gente*; o processo de gramaticalização de *a gente*, e os trabalhos pioneiros sobre os fenômenos em estudo desenvolvidos por Omena (1996a; 1996b) e Lopes (1993; 2003)

3.1. “*Nós e a gente*” nas gramáticas tradicionais

A tradição gramatical e o ensino escolar registram, no quadro dos pronomes que assumem a função sintática de sujeito, as formas: eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Nesse sentido, é notório que a forma *a gente* não é identificada como pronome pessoal da primeira pessoa do plural, embora o uso desta forma tenha sido frequente entre os falantes brasileiros, em detrimento do pronome *nós*. Apesar disso, uma análise mais profunda nas gramáticas tradicionais mostra que, nas seções destinadas aos pronomes, não se considera o termo *a gente* como referência à primeira pessoa do plural. Muitas gramáticas, quando mencionam a forma *a gente*, utilizam-se de notas de rodapé ou seções intituladas como para saber mais, ou curiosidades.

Cunha e Cintra (2007) consideram que os pronomes, nas orações, cumprem funções equivalentes às desempenhadas pelos nomes, servindo para representar um substantivo ou para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado. Na classificação dos pronomes, quando tratam dos pronomes pessoais, apresentam no quadro pronominal *nós* como forma de referência à primeira pessoa do plural. Mais adiante, na seção “Fórmulas de representação da 1ª pessoa”,

afirmam que “no colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós*, e também por *eu*” (e, após a apresentação de exemplos, recomendam que “o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular”. (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 296).

Também em uma seção a parte e de observações, na Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2004) afirma que “O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular.” (BECHARA, 2004, p. 166).

Percebe-se que os gramáticos incluem o uso do *a gente*, mas não o colocam no quadro de pronomes pessoais, apenas registram exemplos de ocorrência da forma na linguagem coloquial, não mostram que é algo já implementado na língua.

3.2. A gramaticalização de *a gente*

Muito se tem estudado sobre o processo da gramaticalização a partir de distintos fundamentos teóricos, entretanto o processo de modificação de uma categoria para outra não seja uma preocupação nova.

A gramaticalização é um processo que consiste na mudança de um item lexical para uma categoria gramatical. É um acontecimento comum a todas as línguas naturais e, quando isso ocorre, pode-se afirmar que nessa mudança o item adquiriu novos traços.

Segundo Lopes (2003), a forma *a gente* originou-se do nome *gente*, que, com o passar do tempo, adquiriu o traço de pessoa e da possibilidade de substituir o pronome *nós*, perdendo os traços dos substantivos. Os exemplos a seguir mostram essas duas realidades:

[...] Juiz – Agora vamos nós jantar (Quando se dispõem para sair, batem à porta). Mais um! *Estas gentes* pensam que um juiz é de ferro! Entre, quem é? (Séc. XIX, *O juiz de Paz na roça*, Pena 1815-1848). (LOPES, 2003, p.10)

[...] Amor, o travesso Amor
Fugia nuzinho em pele,
Cai aqui, cai acolá
Gentes de bem pegou nele (=substantivo: todo mundo inclusivo)
(Séc. XVIII, *Viola de Lereño*, Caldas Barbosa 1798, p. 324). (LOPES, 2003, p. 107)

[...] e no entanto, graças a deus, todos, eu assim fui criada, dentro duma casa com muito respeito e ela também, meu pai também era a mesma coisa, *a gente* lá em casa não ouvia nada, credo! (PE, inq. 248, M3). (LOPES, 2003 p. 59) (Forma gramaticalizada)

Ao substantivo *gente* agregaram-se determinados valores e funções, implicando que este passasse a pertencer à outra categoria ou classe. Dessa forma a forma *a gente*, que concorre com o *nós*, é uma forma resultante de gramaticalização, pois mudou de categoria, de nome para pronome.

3.3. Estudos linguísticos sobre a alternância de “*nós e a gente*”

O trabalho desenvolvido por Omena (1996a; 1996b), com dados do Rio de Janeiro, observou que a forma *a gente* é mais frequente que *nósem* contextos de fala. Ao considerar a variável idade, constatou que a forma *nós* é mais utilizada pelos falantes mais velhos, ressaltando que o uso de *a gente* aumentou a partir da década 60. Outro aspecto observado é que os falantes mais expostos à mídia foram favorecidos para o uso da variante padrão *nós*.

A investigação realizada por Lopes (1993) analisou a fala culta dos informantes do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, acervo do Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta – NURC. Os inquéritos analisados foram do tipo diálogo entre informante e documentador, em situações comunicativas semi-espontâneas. A análise de Lopes (1993), quanto aos aspectos sociais, mais especificamente ao sexo, revela que entre as mulheres a incidência de *a gente* (51%) é maior do que o uso de *nós* (49%). Entre os homens 69% corresponde a forma *nós* e 31% a forma *a gente*. Ao realizar o cruzamento do sexo com a faixa etária, percebe-se que os mais jovens utilizam a forma *a gente* e os mais velhos *nós*. Além disso, verificou-se que o Rio de Janeiro é a cidade em que a forma *a gente* é mais utilizada, enquanto Salvador e Porto Alegre apresentam uma maior frequência de *nós*. Considerando esse aspecto, Lopes (1993) observou que “a mudança linguística de *nós* por *a gente* encontra-se em processo de desenvolvimento em ambos os sexos” (p. 104).

A pesquisa desenvolvida por Lopes (2003) teve como objetivo estudar a inserção de *a gente* no sistema pronominal do português, como um processo de mudança em tempo real por um longo período. Nessa

análise, *em tempo real de longa duração*, Lopes (2003) confirmou que a forma *a gente* passou por um processo de gramaticalização, a partir do século XX, apresentando mesmo comportamento dos outros pronomes pessoais.

É importante salientar que a utilização da forma *a gente* já vinha sendo implementada no português brasileiro, uma vez que seu uso se iniciou entre os séculos XVII e XVIII, como afirmam Omena (1996a, 1996b) e Lopes (1993; 2003) em pesquisas variacionistas com foco em pronomes pessoais na posição de sujeito. Esses estudos procuram compreender como esse fenômeno ocorre no português falado atualmente.

4. Procedimentos metodológicos

Para a observação do fenômeno variável, foram utilizadas para esta etapa ora apresentada as entrevistas do acervo ALiB realizadas no município de Alagoinhas, na mesorregião do Nordeste Baiano. As variáveis sociolinguísticas analisadas foram sexo (dois falantes do sexo masculino e dois do feminino) e faixa etária (dois falantes de 18 a 30 anos e dois falantes dos 50 a 65 anos). No que se refere ao nível de escolaridade, trabalhou-se apenas com os informantes que possuem o nível fundamental. (CARDOSO, 2014).

Seguindo os aspectos propostos pela teoria da variação, o *corpus* alvo de observação constituiu-se de diferentes entrevistas realizadas com quatro falantes. As entrevistas são norteadas por perguntas apresentadas pelos questionários de caráter fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, algumas questões voltadas para pragmática, entrevistas semi-dirigidos, que permitiam aos falantes se expressarem de maneira mais espontânea, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura. Por se tratar de uma pesquisa que analisa a língua falada, não foi considerado a leitura do texto pelos informantes. Após a audição das entrevistas e o levantamento dos dados, fez-se a sua transcrição e codificação para a submissão ao programa computacional para análise dos dados, o GoldVarbX.

Neste texto, foram consideradas somente variáveis sociais, gênero e idade. Na seção seguinte, apresentam-se os primeiros resultados da análise em Alagoinhas.

5. Resultados preliminares

Após a análise estatística através do GoldVarbX, chegou-se aos resultados que se seguem. Dos 170 dados de *nós* e *a gente*, 43 correspondem à escolha da variante *nós* e 127 da forma *a gente*. Na observação da tabela 1, os resultados indicam que a forma *nós* ocorre pouco no total de dados; o pronome *a gente* na posição de sujeito apresenta um uso muito elevado em relação ao *nós* no português falado em Alagoinhas, correspondendo a frequência de 25,3 % de *nós*, versus 74,7 % de *a gente*, conforme são apresentados na tabela 01.

Tabela 01: NÓS/A GENTE em ALAGOINHAS
Dados Gerais

VARIANTE	QUANTIDADE	FREQUÊNCIA
Nós	43/170	25,3%
A gente	127/170	74,7 %
Total	170/170	100%

Observando-se a Tabela 1, percebe-se que os falantes preferem a forma *a gente*, que sempre foi estigmatizada pelo ensino formal da língua portuguesa. Apesar de ser uma amostra pequena, o resultado obtido corrobora com os das pesquisas de Lopes (1993; 2003), que apontam para uma frequência maior da forma *a gente*, no Rio de Janeiro.

No que se refere a variável Sexo (Tabela 02), a única variável selecionada pelo Goldvarb Xaté então, percebe-se que, em Alagoinhas, apesar de a variante *nós* ocorrer pouco na amostra, são os homens que tendem a utilizar mais esse pronome do que as mulheres, na observação das frequências e dos pesos relativos.

Tabela 02: Condicionamento da variável SEXO na realização NÓS em ALAGOINHAS

NÓS	QUANTIDADE	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Homem	24/64	37,5%	0.652
Mulher	19/106	17,9%	0.406

Mesmo com um número pequeno de dados e um percentual baixo, a variante *nós* temos maior frequência no discurso dos homens (37,5%) e peso relativo de 0.652. A variante *nós*, no discurso das mulheres, nos dados trabalhados, revelamos frequência ainda menor (17,9%) e peso relativo de 0.406, que indica desfavorecimento da variante. Estudos sociolinguísticos têm revelado que as mulheres usam formas mais prestigiadas que os homens em zonas urbanas (LABOV, 2008 [1972] e os dados trabalhados são de zona urbana. Em Alagoinhas, as mulheres não encabeçam o uso do *nós* (forma conservadora e considerada padrão, prestigiada pela tradição), elas encabeçam o uso de *a gente*. Isso pode levar ao entendimento de que a forma *a gente* é, se não a mais valorizada, pelo menos não sofre estigma na variedade do município observado.

O programa computacional GoldVarbX considerou que só o Sexo (masculino ou feminino) contribui para a escolha da variante *nós* em Alagoinhas, desconsiderando a faixa etária, variável não selecionada. Como esses resultados são apenas iniciais, supõe-se que, com o andamento da pesquisa com dados de toda a Bahia, e com o controle de outras variáveis linguísticas e sociais, pode-se chegar a resultados mais consistentes sobre o condicionamento da variação estudada.

6. Considerações finais

A alternância entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito tem sido objeto de estudo em diversas pesquisas sociolinguísticas, demonstrando que, no português falado pelos brasileiros, a forma *a gente* é o pronome mais utilizado em algumas comunidades para referência à primeira pessoa do plural.

Tendo em vista que a pesquisa aqui apresentada ainda está em fase de desenvolvimento, pode-se assinalar tendências no que diz respeito à alternância *nós/a gente* no município de Alagoinhas, estudo inicial para o entendimento do fenômeno no português falado na Bahia.

No que se refere aos dados gerais, na cidade de Alagoinhas os informantes tendem a escolher *a gente* (com frequência de 74,7%) ao invés de *nós* (com frequência de 25,3%). No entanto, na observação da variável social Sexo, percebe-se que, mesmo com um número pequeno de ocorrências, os homens tendem a utilizar a forma pronominal *nós* mais

que as mulheres. Como as mulheres em zonas urbanas tendem a usos mais valorizados, pode-se questionar o valor social dado às duas variantes: o *nós* é ainda a forma mais prestigiada? Ou o *a gente* está começando a ocupar o espaço que antes era do *nós*?

No aprofundamento da pesquisa, serão buscados mais dados em todas as mesorregiões da Bahia, com o controle de outros grupos de fatores sociais e linguísticos para concluir se o quadro apresenta alguma indicação de mudança no que se refere à variação do pronome sujeito de primeira pessoa de plural na Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CARDOSO, S. A. M *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*: introdução. Londrina: EDUEL, 2014. p. 17-29.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, V. 18. p. 174.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e agente no português falado Culto do Brasil*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1993.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. 576 p. il.
- OMENA, Neliza Pereira; A referência a primeira pessoa do discurso plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M.; SCHERRE, M.M. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996(a). p. 183-215.

OMENA, Neliza Pereira; As influências sociais entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M.; SCHERRE, M.M. *Padrões Sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1996(b). p. 310-23.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES. M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. In: *Edição especial Abralín/SE*. Itabaiana, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].